

A DJIHÂD NO EXTREMO SUDOESTE PENINSULAR
– O RECÉM-IDENTIFICADO RIBAT DA ARRIFANA (SÉCULO XII)

Rosa Varela Gomes
Mário Varela Gomes

1. Os conceitos

A concepção de *djihâd*, ou de Guerra Santa, e a sua prática, estiveram sempre presentes durante a permanência da administração muçulmana na Península Ibérica e, principalmente, tanto no início daquela como na sua fase final.

A *djihâd* foi, e é ainda hoje, o combate religioso, considerando-se inimigos todos aqueles que professam outros credos, como os que enveredam por heresias dentro do islamismo. Ela aufere de dimensão individual, enquanto incute e faz desenvolver a fé em cada um dos crentes mas é, também, dever colectivo, na medida em que deve propagar o Islão, entre terras e populações consideradas inimigas, legitimando a guerra.

Segundo Ibn al-Talla, o profeta Maomé terá incitado os seus seguidores à Guerra Santa na Península Ibérica dizendo: “O ribat terminará em todo o lado menos na ilha do al-Andalus, no Magreb Extremo, onde será o mais meritório de toda a face da terra” (Molina, 1983, p. 34).

Os militares do Islão mortos em combate tornam-se mártires em nome de Alá, encontrando-se registada, durante a Idade Média, a presença, entre as tropas regulares, de voluntários, designados “gentes do *ribat*” ou *muridûn*, que se ofereciam tendo em vista cumprirem obrigação canónica conforme à Guerra Santa.

Mesmo durante o Califado, considerado período de estabilidade política, a *djihâd* praticava-se nas regiões fronteiriças da Península Ibérica, tendo tido a sua expressão mais significativa no feroz ataque a Santiago de Compostela, perpetrado, em Agosto de 997, por Ibn Abi Amir al-Mansur e que levou ao arrasamento da basílica onde se guardava o túmulo do santo, como

ao saque e incêndio da cidade, assim como de numerosas povoações, castelos e mosteiros do Noroeste Peninsular. Alguns autores muçulmanos chegaram, mesmo, a considerar este feito, como severa derrota de toda a Cristianidade (De la Puente, 2001, p. 16).

À *djihâd* anda comumente associada a palavra *ribat* que também assume uma dimensão individual, enquanto luta pelo aperfeiçoamento da fé de cada crente ou traduzindo a ideia de expansão do Islão, como significando estruturas de carácter religioso, a que podemos denominar convento-fortalezas.

Muito embora em diversos documentos muçulmanos sejam mencionados vários *ribats*, rábitas ou arrábidas, no al-Andalus, e tenham permanecido vários topónimos que parecem indicar testemunhos do mesmo tipo, até à recente identificação do *ribat* da Arrifana, no Litoral Sudoeste da Península Ibérica, apenas se conhecia o de Guardamar, no antigo delta do rio Segura (Alicante), na Costa Levantina.

Aquele tipo de construções com finalidades religiosas e militares e, em particular, as localizadas junto à costa, encontram-se, normalmente, relacionadas com os inícios da ocupação de territórios, integrando a sua defesa ou, também, estratégia ligada à perspectiva de novas conquistas. Ilustram tais casos os *ribats* de Monastir e de Susa, fundados, respectivamente, em 796 e 861. Por outro lado, surgiram rábitas que reflectem alterações religiosas ou políticas, no seio de territórios já islamizados, como exemplificam a de Tit (Mazagão) ou a de Rabat, ambas almoadas.

2. Localização

O *ribat* da Arrifana situa-se em pequena península, denominada Ponta da Atalaia, localizada a pouco mais de meia dúzia de quilómetros a poente de Aljezur, perto do local conhecido por Vale da Telha, e incluí-se na zona outrora chamada Arrifana, conforme se regista em cartografia antiga (fig. 1).

Foi identificado, pelos autores, no ano de 2001, embora tenha sido, apenas, em 2002 e 2003 que se levaram a cabo trabalhos arqueológicos, entre os quais prospecções, escavações e estudo dos materiais exumados, permitindo, objectivamente, atribuir as ruínas que pervivem, na Ponta da Atalaia-Arrifana, ao *ribat* fundado pelo mítico mestre sufí Ibn Qasî.

Aquelas intervenções puseram já a descoberto restos de quatro mesquitas, com diferente constituição e forma, mas todas com a *qibla* e respectivo *mirhab* (nicho sagrado) irrepreensivelmente orientados para Meca, tal como outras estruturas (fig. 2).

Toda a área referida encontra-se repleta de testemunhos arqueológicos congêneres, que afloram no solo, a par de diverso espólio.

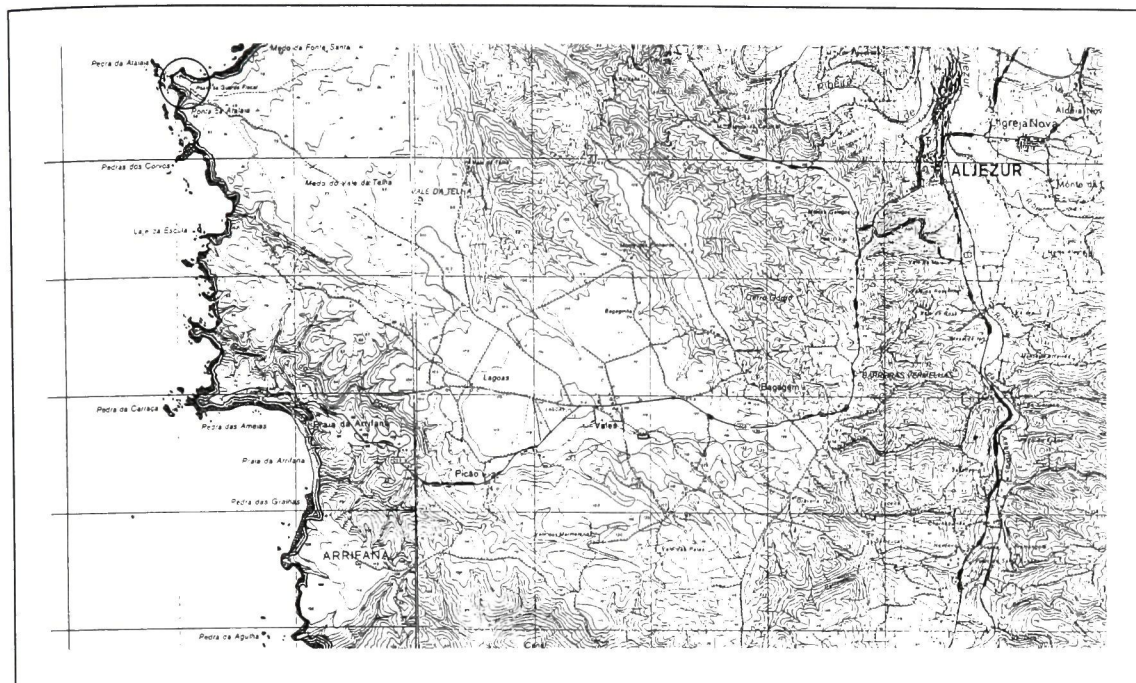


Fig. 1 – Localização do *ribat* da Arrifana (Aljezur) (seg. a *C.M.P.*, nos 583-A e 584).

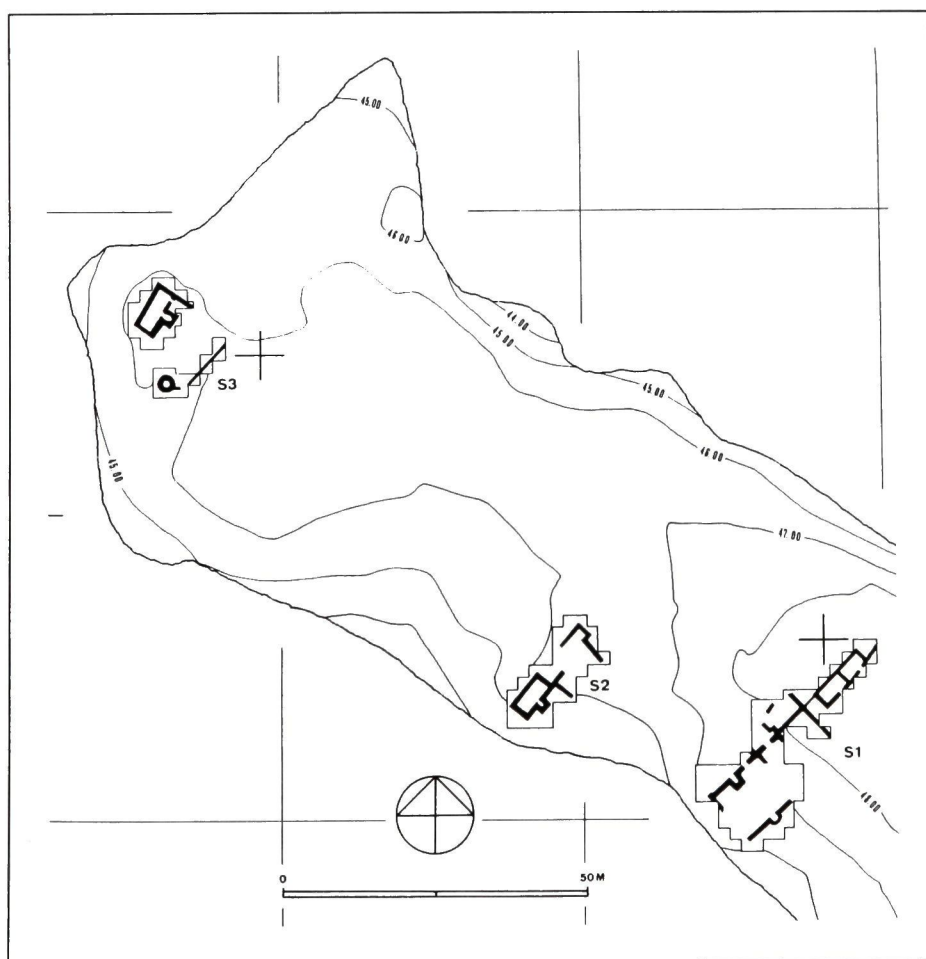


Fig. 2 – *Ribat* da Arrifana. Estruturas exumadas (seg. R. e M. Varela Gomes).

A paisagem é telúrica, ali se ouvindo a acção do mar, agitado ou calmo, mas constantemente investindo contra as negras falésias caprichosamente recortadas.

A alta plataforma litoral encontra-se coberta por dunas e vegetação rasteira, sendo varrida pelos intensos ventos marítimos e, grande parte dos dias, envolta em denso nevoeiro. Todavia, nos dias de céu limpo e luminoso, dali se avista largo trecho de costa, do cabo de São Vicente, no extremo sudoeste, ao cabo Sardão, na costa alentejana, como a vastidão oceânica.

As características geográficas mencionadas, correspondem à necessidade de isolamento e de austeridade, imprescindíveis ao ascetismo, à contemplação da Natureza e à reflexão metafísica, factores intrínsecos à mística sufi, assim se propiciando o encontro com o Transcendente ou o conhecimento de Deus.

Informações de carácter histórico indicam que o *ribat* da Arrifana terá sido mandado construir, por Ibn Qasî, em torno a 525 H (1130) e abandonado em 546 H (1151), aquando do assassinato do mestre, certamente depois de muitas obras de ampliação e reestruturação, cronologia que corresponde à da maioria dos materiais arqueológicos exumados.

É bem possível que, naquele local, tenha sido escrito a célebre obra de Ibn Qasî, “*O Descalçar das Sandálias*”, cujo manuscrito ou cópia foi oferecido, por um dos seus filhos e seguidor, a Ibn al-Arabi (1165-1240), e a quem se deve significativo comentário, como ali nasceu o movimento místico que proporcionou o suporte ideológico da revolta contra Almorávidas e Almoadas, tal como a tentativa da fundação de estado teocrático.

3. Arquitectura

Tanto as prospecções como as áreas actualmente escavadas permitiram verificar que o *ribat* da Arrifana ocupava não só toda a península da Ponta da Atalaia, ou seja superfície com cerca de dois e meio hectares, como aquele espaço se organizava em sectores, possivelmente com valor simbólico e, até, hierárquico.

De facto, na extremidade da península, debruçada sobre a falésia, escavámos pequena mesquita e perto da sua parede do lado sul os restos de minarete, com planta de forma circular. É possível que, primitivamente, o espaço referido se encontrasse rodeado por muro, de taipa, talvez um “muro de orações” que deve ter constituído a primeira obra de fundação do *ribat* (Sector 3).

Aquela foi, muito provavelmente, a zona mais importante e, ao mesmo tempo, mais reservada do *ribat*, onde cremos que se instalava o seu fundador e os seguidores mais directos. De facto, o mestre, em mais de um dos seus textos, alude à imensidão oceânica e, até, intitula “O Caminho das Escarpas”, um dos capítulos da sua obra principal.

A presença dos restos do minarete, depois transformado em torre atalaia e gerando o microtopónimo pelo qual o local é conhecido, reforça o significado preponderante da área referida, pois dali os fiéis eram chamados à oração, pelo menos cinco vezes ao dia.

A cerca de uma centena de metros para sudeste das estruturas antes citadas, escavámos outra pequena mesquita, tal como restos de instalações a ela anexas que, também, poderiam ter feito parte de um templo (Sector 2). Trata-se de edificações, com pequenas dimensões, dado a mesquita medir, apenas, 7,20 m de comprimento por 3,30 m de largura. Ela é provida de entrada única, aberta no lado norte da *qibla*, e no interior observa-se, adossada à parede do lado sul, bancada de pedra (fig. 3).

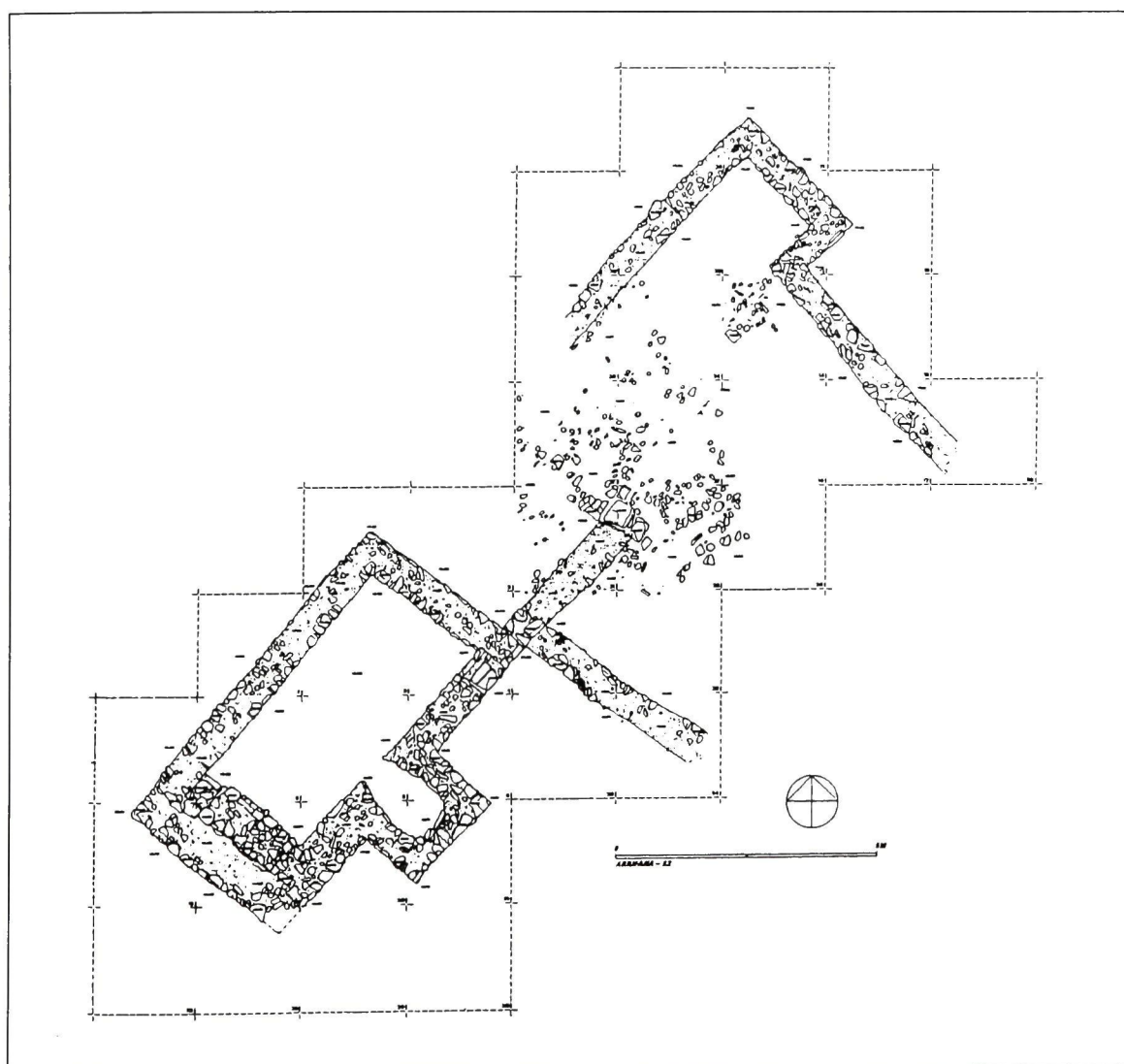


Fig. 3 – Ribat da Arrifana. Estruturas do Sector 2 (seg. R. e M. Varela Gomes).

À distância de cinquenta metros, para sudeste, das construções que acabámos de mencionar, exumámos parte de duas mesquitas, uma das quais de grandes dimensões, ocupando área correspondendo a cerca de 140 m². Este templo, edificado em zona de acentuado declive, adossa-se a um outro, com comprimento semelhante e que com ele comunicava através de dois vãos, abertos na *qibla* do mais antigo (fig. 4).

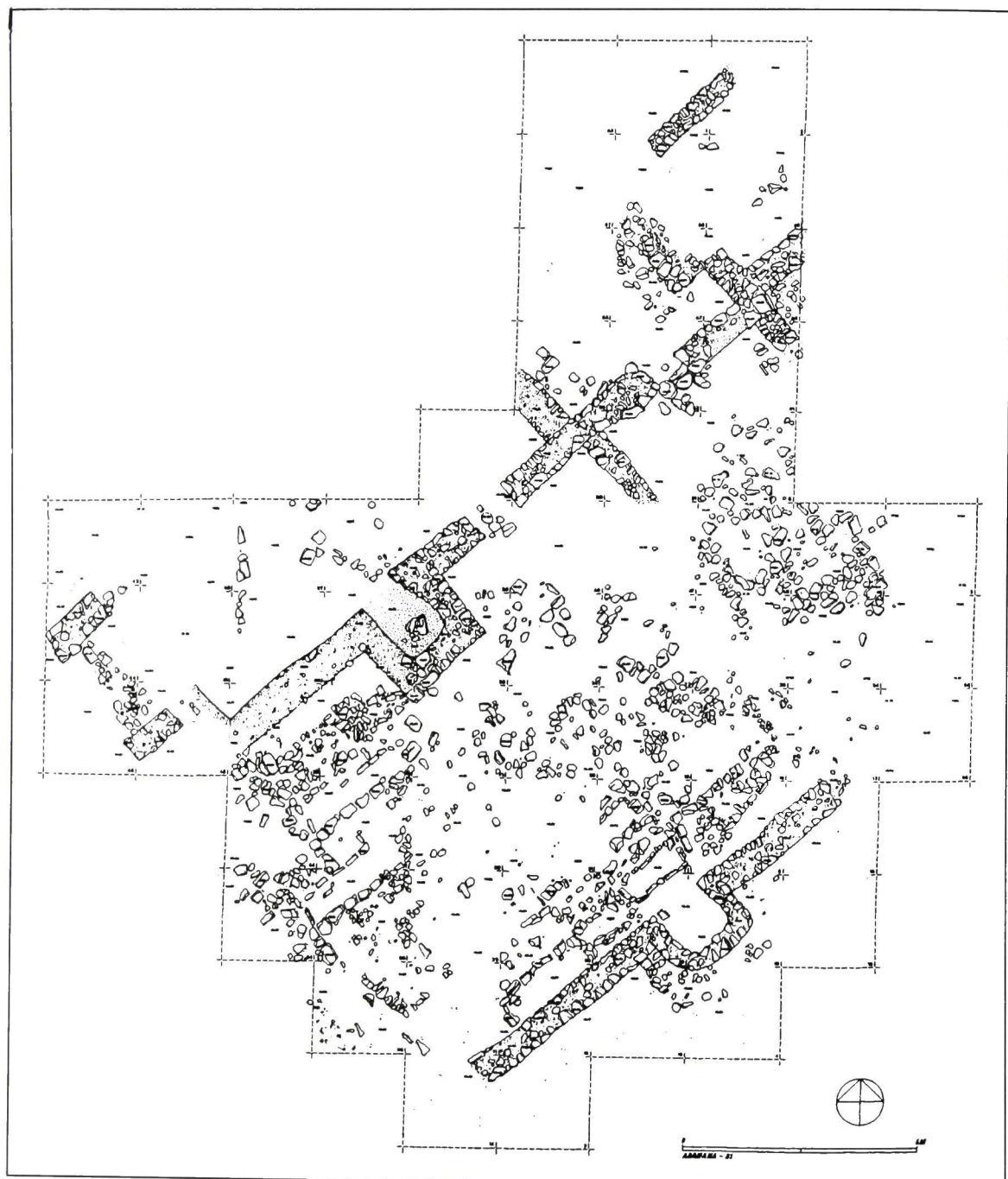


Fig. 4 – Ribat da Arrifana. Parte das estruturas do Sector 1 (seg. R. e M. Varela Gomes).

No lado nordeste daquelas mesquitas, desenvolvia-se conjunto de pequenos compartimentos, ainda não totalmente escavados, constituindo espécie de celas onde residiriam os monges-guerreiros ou se acolheriam peregrinos que demandavam o *ribat*.

As construções detectadas foram edificadas com alicerces de alvenaria de pedra local, ligada por terra, onde assentavam paredes de taipa. Os pavimentos eram de terra batida, raramente com zonas lajeadas e sendo, por vezes, cobertos com argamassa de cal e areia, que também revestia as paredes, a maioria das quais seria caiada.

Nos nichos dos *mihrabs*, tanto nas paredes como no chão, observam-se revestimentos de massa muito rica em cal e com areia finíssima, ou seja de estuque.

As coberturas dos edifícios eram do tipo telhado, estruturado por vigas de madeira e revestido por telhas de canudo, ou em terraço, utilizando-se madeira e barro. Os nichos dos *mihrabs* possuíam pequenas abóbadas de pedra, revestidas interiormente por estuque.

As pequenas mesquitas dispunham, apenas, de uma porta de madeira, com o vão aberto na *qibla* e com a soleira sobrelevada, em relação tanto ao piso exterior como ao interior, girando para dentro.

As plantas dos *mihrabs* oferecem algumas diferenças, observando-se em três das mesquitas, em duas mais pequenas em uma de maiores dimensões, o contorno exterior quadrangular, enquanto o nicho apresenta planta com forma de arco ultrapassado, algo alongado. Na mesquita de maiores dimensões, que conforme indicámos se adossa a uma outra e sendo, portanto, a ela ulterior, reconhece-se *mihrab* possuindo contorno exterior semicircular e nicho com planta daquela mesma forma.

Na mesquita antes mencionada, que constitui uma das edificações mais recentes do *ribat*, detectou-se interessante solução para nivelar o solo, dado, como mencionámos, o templo ocupar zona com forte pendente e sobranceira à falésia.

Aquela consistiu em construir-se sistema de muretes de pedra e equidistantes, devidamente travados entre si, sendo as áreas entre eles preenchidas por taipa.

A arquitectura da duas mesquitas com maiores dimensões (Sector 1) segue antigos modelos omíadas e abássidas, talvez com nave central, frente ao *mihrab*, tendo-se mesmo reconhecido, na mais antiga daquelas, o nicho onde se guardaria o *minbar*.

As duas pequenas mesquitas identificadas (Sector 2 e 3) encontram não só semelhanças com templos idênticos, tanto na forma das plantas como nas dimensões e, até no posicionamento das entradas, de Guardamar (Alicante), surgindo adossadas em longos alinhamentos (Azuar Ruiz, 1989; 1991, p. 137, fig. 2), como também pode ter acontecido em um dos exempla-

res da Arrifana, mas, igualmente, com pequenas mesquitas dos desertos da Síria e do Négev. Estes templos, atribuídos aos séculos VIII e IX, nem sempre eram providos de cobertura fixa e mostravam igualmente pequenas dimensões, embora alguns apresentem anexos. Eles constituíam importantes pontos de referência para viajantes e peregrinos (Avni, 1994; Rosen-Ayalon, 2002, p. 61-63, fig. 10) (fig. 5).

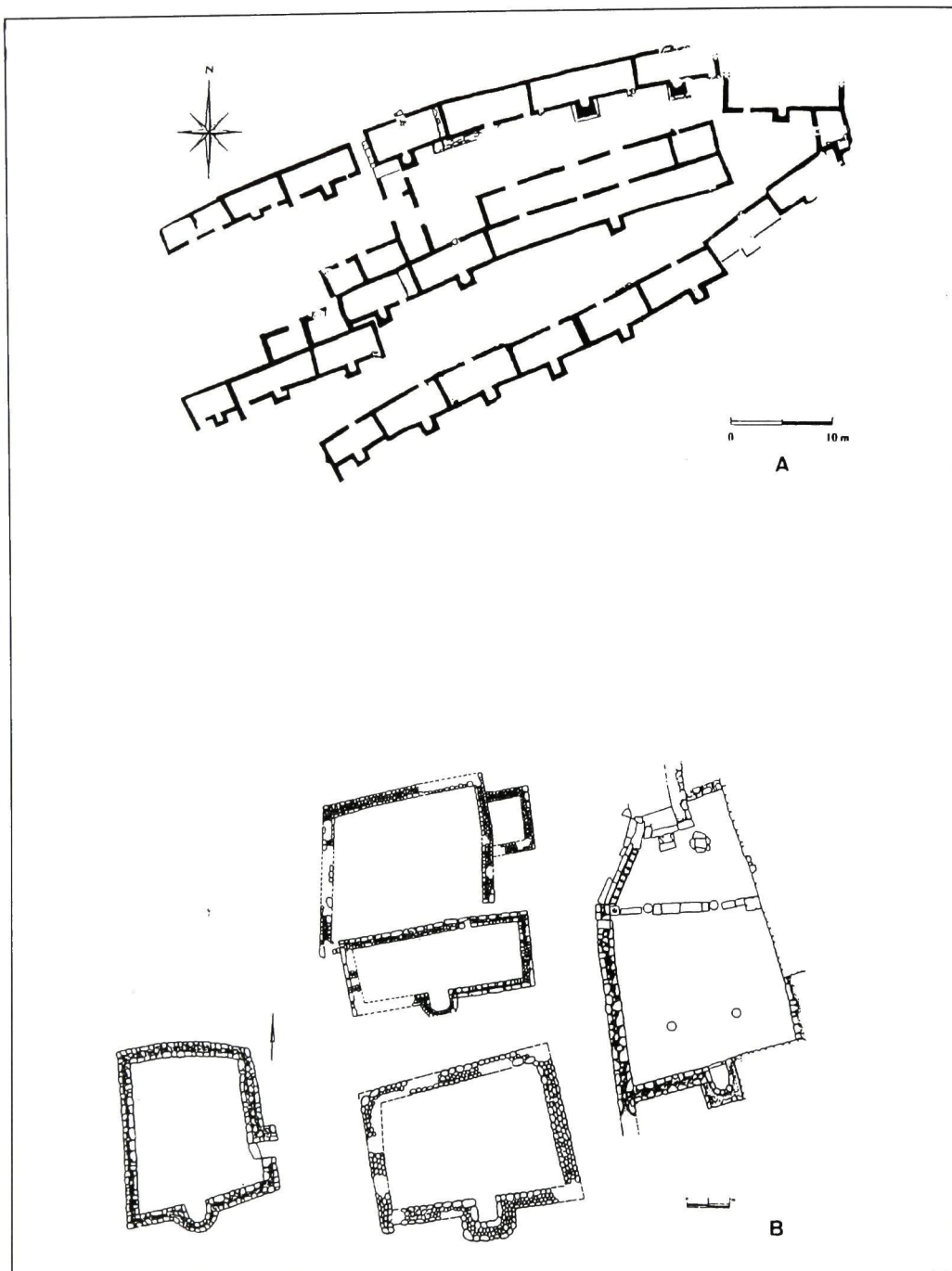


Fig. 5 – Ribat de Guardamar (Alicante) (A) e mesquitas do Négev (B) (seg. R. Azuar Ruiz, 1991, p. 137, fig. 2; G. Avni, 1994, e Rosen-Ayalon, 2002, p. 63, fig.10).

4. Espólio

O espólio exumado nos sectores até agora escavados é pouco numeroso, se comparado com o habitualmente recuperado em áreas habitacionais do mesmo período, com idênticas dimensões. Todavia, detectámos, em algumas zonas do *ribat*, exteriores às construções e junto às falésias, grandes aglomerados de conchas, pertencentes a diferentes espécies de moluscos marinhos, à mistura com peças osteológicas de mamíferos e de aves, utilizados na alimentação, tal como com alguns fragmentos de vasilhas de cerâmica, constituindo verdadeiras lixeiras.

Uma de tais aglomerações de restos alimentares situa-se imediatamente a norte das estruturas exumadas no Sector 1, outra a norte das identificadas no Sector 2 e uma terceira a sul das construções do Sector 3, embora não tenhamos, ainda, investigado qualquer delas.

Escavámos estrutura de combustão próxima do canto nordeste do interior da grande mesquita, tendo entregue fragmentos de alguns recipientes de cerâmica, entre os quais de taça vidrada, de tom melado, com decoração de cor negra de manganês, tal como diversos pedaços de frigideiras e de panelas, à mistura com restos de fauna.

No exterior da pequena mesquita identificada no Sector 2, junto ao ângulo formado pelas paredes do *mihrab* e da *qibla*, descobriu-se panela com evidentes sinais de utilização ao fogo, mas que ali também poderia ter sido usada como contentor de água, para a purificação que sempre se fazia antes de alguém penetrar num recinto sagrado. Junto encontravam-se restos de cântaro que terá tido, muito provavelmente, função idêntica à daquele recipiente (figs 6 e 8).

As cerâmicas constituem o espólio não só mais numeroso mas, também, mais significativo em termos paleoetnológicos, sendo muito escassos os artefactos produzidos com outras matérias-primas.

No Sector 1 exumámos, no nível correspondente à ocupação das estruturas islâmicas, cento e catorze fragmentos de cerâmica que permitiram, dada a presença de porção do bordo ou do fundo, identificação formal, enquanto no Sector 2 se recuperaram, com tais características, somente trinta e dois fragmentos.

Reconheceram-se naqueles conjuntos catorze formas, correspondendo a recipientes de mesa (taças, púcaros, jarros, bules, galhetas), a loiça de cozinha (fogareiros, alguidares, frigideiras e panelas), a vasilhas de armazenamento (cantis, cântaros e potes), assim como a testos, utilizados para tapar jarros, panelas ou cântaros e, ainda, a pequenas marcas de jogo.

Além das formas antes referidas, pequenos pedaços de cerâmica pertenceram, muito possivelmente, a talhas.

As cerâmicas descobertas correspondem a três grandes classes ou categorias de produção: as realizadas com pastas de cores claras ou vermelhas, mas com uma ou ambas superfícies vidradas, as produzidas com pastas de cores claras e as fabricadas com pastas de cor vermelha ou castanha, algumas destas mostrando engobe, em uma ou em ambas superfícies. Nesta última grande classe incluíram-se as cerâmicas montadas ao torno lento, quase sempre com as superfícies brunidas.

São claramente mais frequentes as cerâmicas produzidas com pastas de cor vermelha ou castanha, oferecendo percentagens semelhantes as duas restantes categorias. Todavia, enquanto no Sector 1 se reconheceu que as formas mais comuns correspondem a loiça de mesa (51,75%), sendo as taças a forma mais representada (36,84%), já no Sector 2 se identificou maior número de panelas (46,87%).

Além das formas referidas, os bules, os alguidares, as frigideiras e os cântaros mostram percentagens bem menores que as das peças primeiramente mencionadas. As restantes oito formas circunscrevem-se a contarem cada uma com menos de cinco exemplares, sendo, portanto, pouco recorrentes.

As cerâmicas que temos vindo a referir devem integrar produções regionais e locais, nomeadamente o vasto conjunto de recipientes montados ao torno lento, com pastas não muito bem depuradas e onde, não raro, se detectam elementos não plásticos, micáceos, de cor negra (biotite).

Importa sublinhar não termos registado peças pertencentes a produções claramente exógenas, embora as cerâmicas exumadas no *ribat* da Arrifana permitam estreitos paralelos, técnicos, formais e decorativos, com outras de arqueossítios islâmicos do Algarve. Tais semelhanças encontram-se em especial, com as procedentes da alcáçova de Silves e de zonas da sua área urbana, onde desenvolvidas sucessões estratigráficas, tal como séries de datações absolutas, conduziram a classificá-las, pela primeira vez, com segurança e precisão (Gomes e Gomes, 1995; Gomes, 2002, p.20-22, 49, 50).

Taças, de forma hemisférica e hemisférica achatada ou troncocónica, com carena alta ou baixa, mostrando as superfícies vidradas, de cor amarela ou algo esverdeada, de aspecto melado, algumas decoradas com linhas de cor negra de manganês, são idênticas a diversos exemplares procedentes das camadas 2 e 3 do Castelo de Silves. Estas correspondiam a contextos culturais pertencendo a período compreendido entre a ocupação almorávida-almoada, anterior a 1189 e a de 1191 a 1248, ou seja até à conquista definitiva daquele alcácer (Gomes, 2003, p. 280, 281, 404).

Pequenos fragmentos de taças bitroncocónicas, com carena alta e acusada, também conhecidas como *ataifores* ou *conical plates*, mostrando as superfícies vidradas, de cor amarela melada ou de cor verde, assim como grande taça, recolhida à superfície, provida de carena baixa e com corpo

troncocónico, assente em pé alto e anelar, com as superfícies vidradas de tom melado, cujo interior foi decorado com três semicírculos secantes, escorridos, de cor negra de manganês, encontram, ainda, estreitos paralelos na camada 2 do Castelo de Silves, onde exibem decoração muito semelhante àquela última (SILV. CAST. Q20/C2/U1-8) (Gomes, 2003, p. 334) (fig 6).

Taças com o bordo extrovertido, em aba, auferem de cronologia almoada, sendo idênticas a peças exumadas na camada 2 do Castelo de Silves (SILV.CAST. Q37/C2-2), onde igualmente acompanham taças com forma hemisférica achatada, produzidas ao torno lento (SILV.CAST. Q75/C2-3) (Gomes, 2003, p. 290, 291).

Também se recolheu fragmento pertencente ao fundo de taça, com pé anelar mas baixo (AR. S1/Q49/C2-2), forma com antecedentes no século VIII, muito comum em Silves durante o século X e que ali perviveu até, pelo menos, ao século XI.

Os púcaros apresentam pequenas dimensões, bordo alto e uma ou duas asas, opostas, que arrancam junto ao lábio. Dois fragmentos de bules evidenciam decoração formada por teoria de finos traços paralelos, em um deles formando reticulado, permitindo paralelos com a ornamentação de jarros e de bules das camadas 2 e 3 do Castelo de Silves. Aquela temática, de origem berbere era, portanto, muito do agrado de Almorávidas e de Almoadas.

As galhetas ou pequenas garrafas, produzidas com pastas de cores claras e com as superfícies exteriores vidradas, parcialmente ou na totalidade, não se encontram tão bem representadas, em outros arqueossítios publicados, como no *ribat* da Arrifana (fig. 6). É possível que tais recipientes ali fossem utilizados no contexto dos rituais religiosos, a par da sua função como contentores de água, como os cantis ou garrafas de peregrino, de que também se identificou, pelo menos, parte de um exemplar.

Tanto as galhetas como os cantis têm analogias em contextos almoadas do Castelo de Silves, tal como o único fragmento de fogareiro exumado no *ribat* da Arrifana, pertencente a forma reconhecida na camada 2 daquela alcáçova (SILV. CAST. Q8/C2-5 e SILV. CAST. Q88/C2-1), onde auferem de cronologia almoada (Gomes, 2003, p. 323, 324).

Os fragmentos de alguidares exumados integram formas recorrentes, embora se detectem variações nas dimensões e no perfil dos bordos, registando-se semelhanças em contextos dos séculos XII e XIII, com pervivências nas duas ou três centúrias seguintes.

Fazem parte de formas conhecidas, em ambientes culturais almorávidas e almoadas de Silves, os vários fragmentos de cântaros. Um deles, produzido com pasta de cor clara, mostra duas asas largas, em fita, e decoração de cor negra de manganês, formada por bandas horizontais, assim como pequenos traços verticais interrompidos (fig. 6).

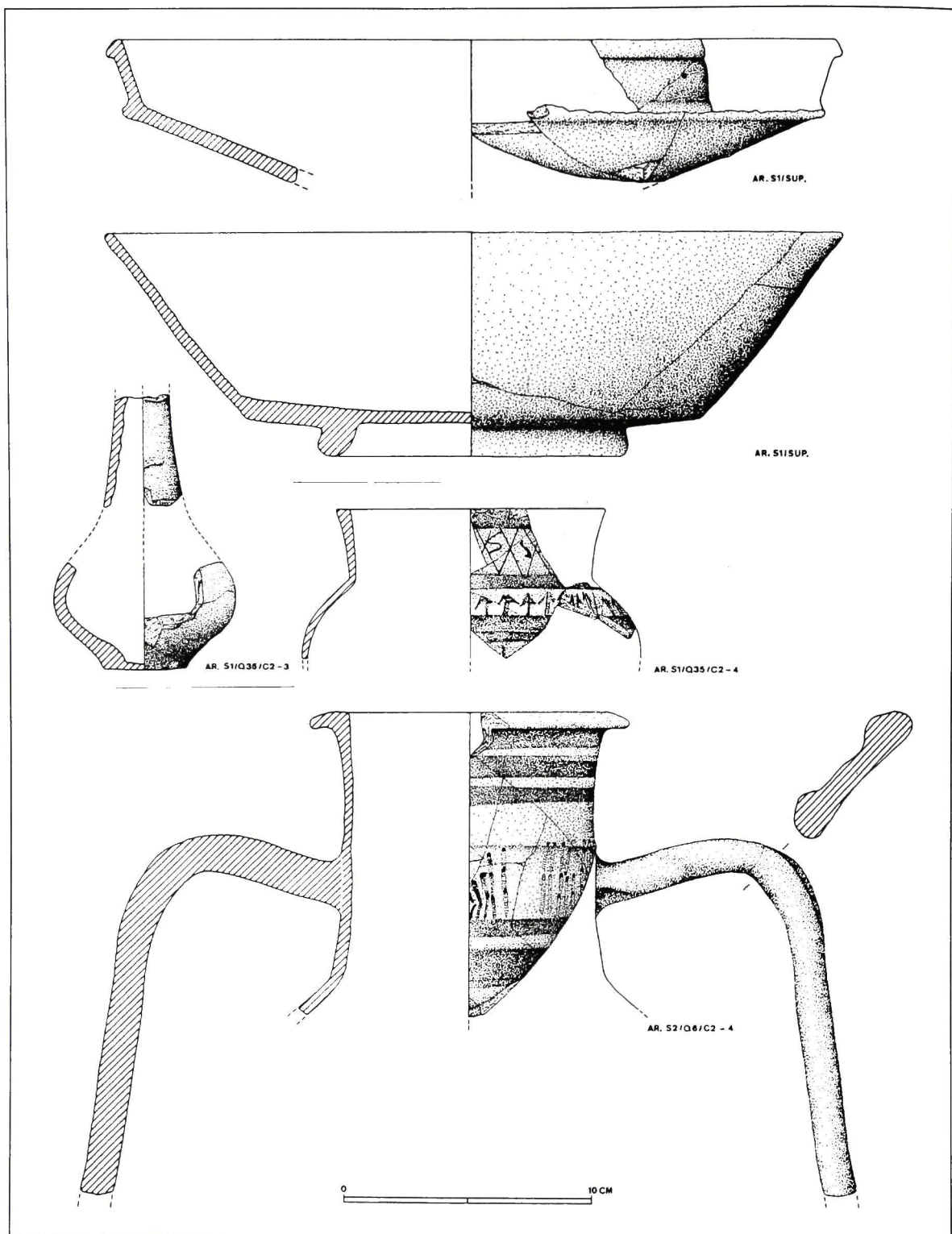


Fig. 6 – Ribat da Arrifana. Cerâmicas vidradas e pintadas (des. A. Machado).

As frigideiras, de fabrico local ou regional, produzidas com pastas não muito bem depuradas, montadas ao torno lento e com as paredes baixas, aliadas ou, até, brunidas, são semelhantes a exemplares exumados nas camadas 2 e 3 do Castelo de Silves (Gomes, 2003, p. 308, 310, 337, 338). Estes recipientes, conhecidos desde contextos emirais e, até, tardo-romanos, podem ter sido utilizados como pratos de pão (*tâbaq*), onde se cozia aquele alimento, conforme acontece, ainda hoje, entre populações das zonas montanhosas do Atlas, do Rif e de outros pontos da África Setentrional (Bazzana, 1996, p. 157; Gutiérrez-Lloret, 1990-91, p. 171-173) (fig. 7).

As panelas (*qidr*), com colo pouco desenvolvido e montadas ao torno lento, providas de duas asas em fita e com bordo ligeiramente extrovertido, não só sugerem pertencer à produção das frigideiras, antes mencionada, como são atribuídas ao mesmo período. Serviam para cozer e guisar, em geral ao fogo lento, mas também para conterem alimentos ou água (fig. 8).

Panelas fabricadas com pastas homogéneas e compactas, cozidas principalmente em ambiente oxidante, com corpo ovóide achatado, duas asas opostas, providas de colo alto e bordo com lábio em bisel, como as encontradas na Arrifana, encontram numerosas afinidades com as procedentes de contextos do Castelo de Silves, com atribuição cronológica no Período Almorávida mas, também, no Almoadá (Gomes, 2003, p. 320-322, 404, 409).

As marcas de jogo, de cerâmica e com contorno subcircular, são artefactos muito recorrentes, tanto no Período Islâmico como em tempos ulteriores. Elas denunciam ocupação de carácter lúdico ocorrida no *ribat*.

Entre o espólio metálico exumado importa destacarmos longo ferro de lança, virotes de flecha ou de besta, restos de pequenos tubos-amuleto, de cobre/bronze, e dois pequenos rolos de chumbo, que ainda não abrimos, dado melhor reflectirem as actividades sócio-religiosas decorrentes das funções próprias de um *ribat*.

A lança e os virotes podem ter feito parte do equipamento bélico de alguns dos *muridûn* que frequentaram o *ribat*, integrando o contexto da *jihad* que dali emanou. Os tubos-amuleto, um deles decorado, correspondem a artefactos com funções apotropaicas, dado que tais peças guardavam frases do Corão, escritas sobre papel ou pergaminho, que se acreditava não só protegerem como, de certo modo, predestinarem a vida de quem as usava.

Os rolos de chumbo, eram introduzidos nas paredes das mesquitas e geralmente contêm frases, pintadas, gravadas ou em relevo, de carácter religioso onde se expressava a Fé. Conhecem-se amuletos de chumbo, no Al-Andalus, contendo inscrições de carácter religioso, alguns dos quais descobertos dobrados, mas sem que o modo da sua utilização seja claro (Ibrahim, 1987). Também R. Azuar Ruiz (1989a, p. 398, 399, est. 54) refere diversos de tais artefactos de chumbo, constituídos por pequeníssimas placas epigra-

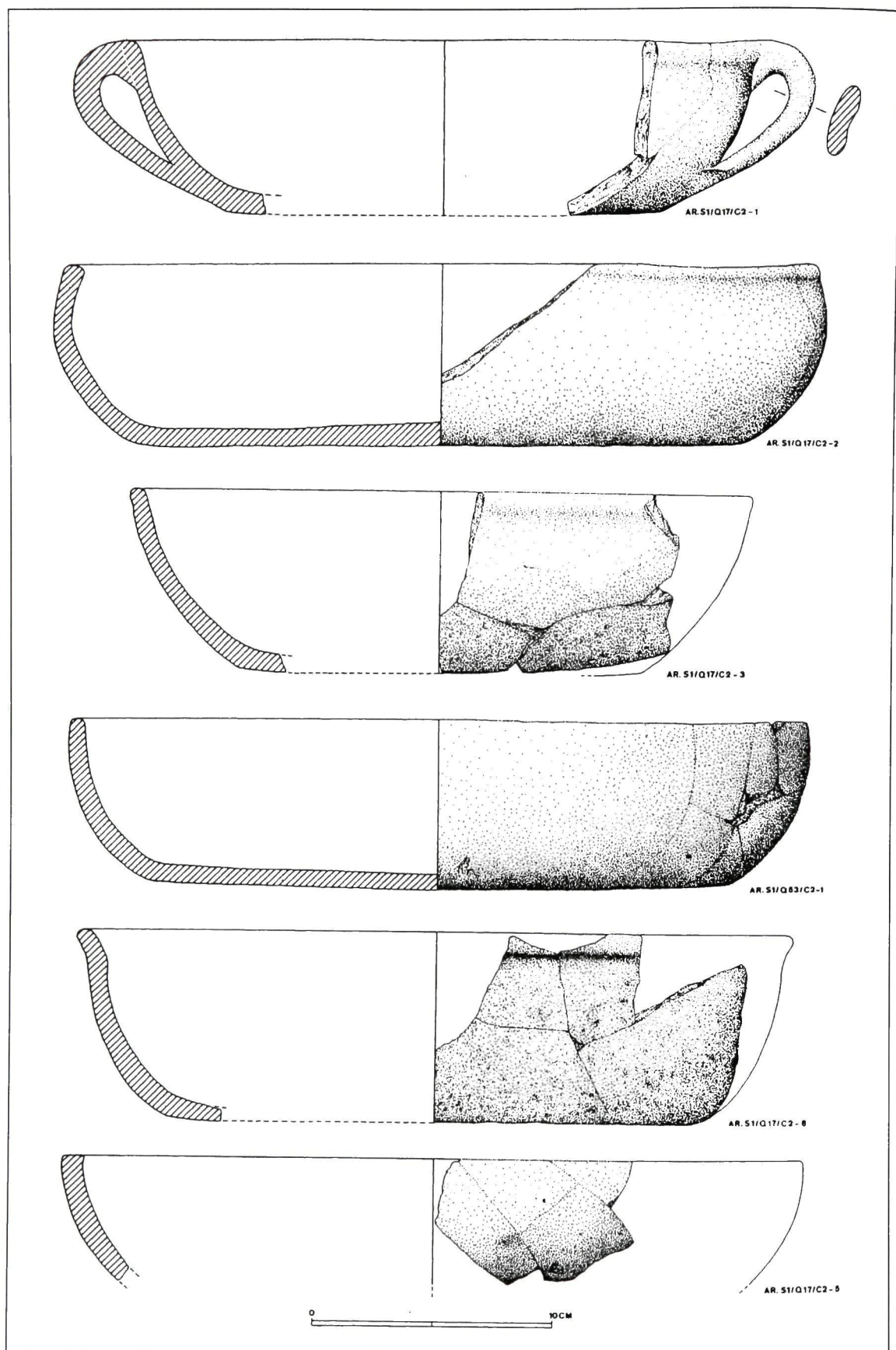


Fig. 7 – Ribat da Arrifana. Cerâmicas comuns (frigideiras) (des. A. Machado).

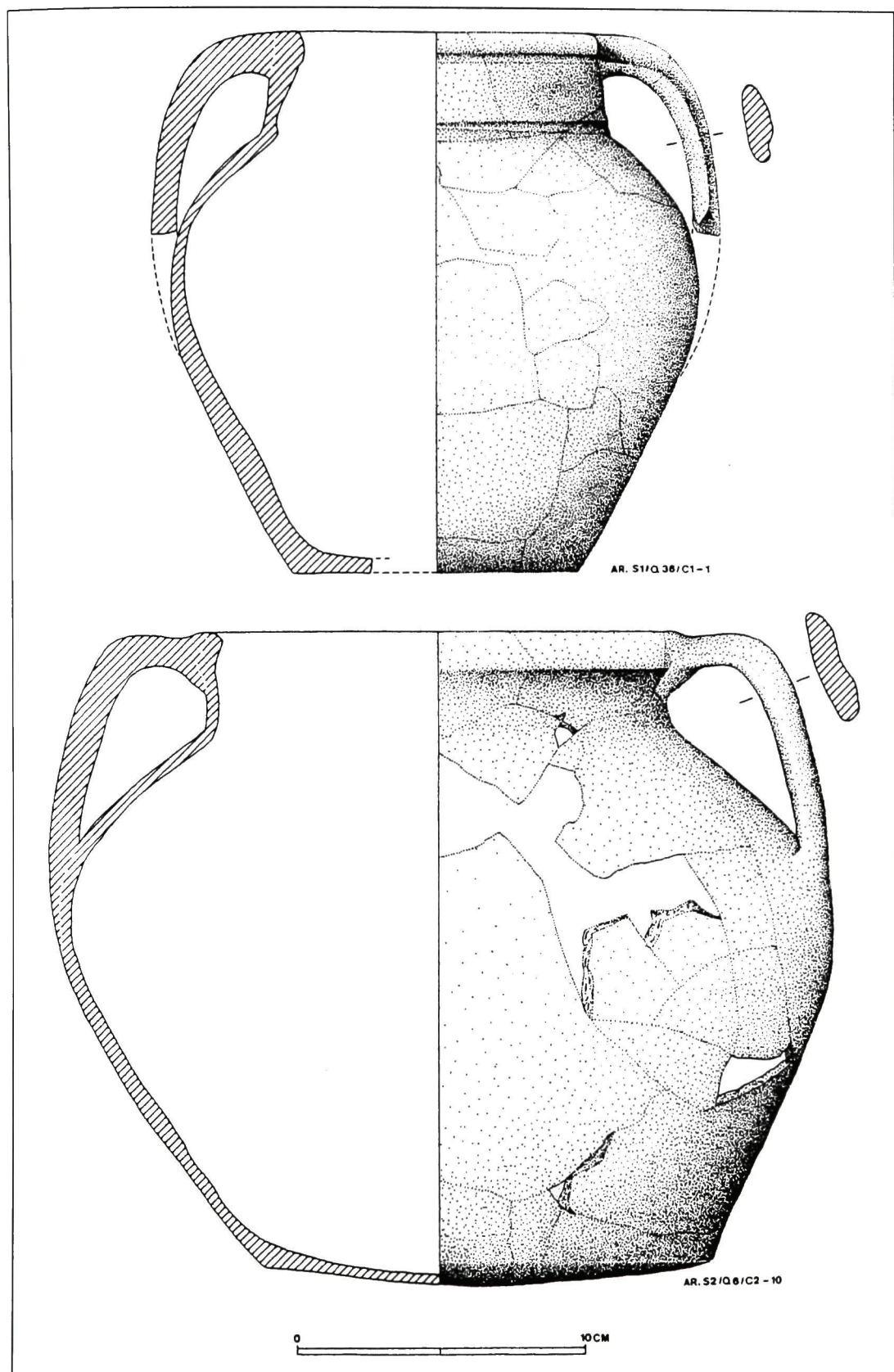


Fig. 8 – Ribat da Arrifana. Cerâmicas comuns (panelas) (des. A. Machado).

fadas. Elas foram exumadas dobradas ou enroladas, como as de El Castellar de Alcoy, da Torre de Bugarra (Villena) ou do Castillo del Río (Aspe), esta com inscrição pintada e datada, devido ao contexto que integrava, em finais do século XII ou nos inícios da centúria seguinte.

Aquelas peças, de carácter mágico-religioso, eram obtidas junto dos templos ou dos túmulos de personagens santas e, tal como os pequenos rolos da Arrifana, traduzem práticas ainda pouco estudadas.

Um pequeno cossoiro, de chumbo ou estanho, e exemplar de osso, são semelhantes a muitos outros que temos vindo a encontrar no Castelo de Silves, onde integravam achados correspondentes às ocupações islâmicas mais tardias (séculos XII-XIII). A função de tais artefactos, ligados à fiação, deve, ainda, inserir-se no quotidiano que decorria no espaço do *ribat*.

Duas pequenas contas, uma de faiança, de cor bege, e outra de cornalina, não têm, por ora, paralelos no mundo islâmico peninsular, podendo tratar-se de artefactos importados do Oriente, ali chegados dado usufruírem de funções simbólicas, talvez ligadas às suas origens exógenas.

5. Conclusões

A localização do *ribat* da Arrifana corresponde a estratégia, tanto religiosa como militar, ocupando “zona de fronteira”, entre muçulmanos e cristãos, intermédia do mundo material com o espiritual, mas também, significativamente, no encontro da Terra com o Mar. E é o próprio Ibn Qasî que falou da unicidade divina e do saber, comparando-o com a imensidão oceânica que, por certo, muito contemplaria no seu *ribat*.

O chão sagrado do *ribat* da Arrifana situava-se afastado dos principais centros representativos do poder de então, tanto almorávida como almoada, sediados em Silves e contra os quais combateu Ibn Qasî.

A arquitectura da arrábida da Arrifana, com as suas mesquitas de pequenas dimensões, os espaços a elas anexos e o minarete, constitui importante novidade no panorama das edificações religiosas islâmicas, não só no actual território nacional, onde é único, mas em termos peninsulares, dado dispormos, apenas, como paralelo, do *ribat* de Guardamar (Alicante), mais antigo cerca de uma centúria. Por outro lado, contrariamente ao que acontece em Guardamar, não só conhecemos o nome, como grande parte da vida e obra do fundador do *ribat* da Arrifana, sendo possível deduzir os firmes propósitos da sua fundação ou as causas do seu abandono e destruição, através de factos bem balizados em termos históricos e cronológicos.

De facto, correspondência trocada entre o mestre sufi Ibn al-Arif, de Almería, e Ibn Qasî, de 1130 a 1134, permite deduzir que aquele último, já então muito respeitado pelo primeiro, teria iniciado o seu movimento políti-

co-religioso, de feição fundamentalista, e fundado o seu *ribat* como a *tariqa* (comunidade religiosa) correspondente.

Ali congregava boa parte dos seus discípulos e seguidores, designadamente os monges guerreiros ou *muridûn*, tendo em vista tanto a propagação dos princípios sufis, como da sua própria mensagem espiritual, que haveria de conduzir à revolta contra os Almorávidas e à Guerra Santa. Todavia, só em 1144 é que um dos seus mais fiéis partidários, Ibn al-Qabila, tomou o castelo de Mértola, empresa a que se seguiram outras, como a conquista de Sevilha, ocorrida em 1147, que se julga ter contado com a participação pessoal do mestre silvense e dos *muridûn* da Arrifana.

Depois de ter sido chamado *Imam* (chefe religioso e político) e *Mahadî* (guia espiritual ou messias), Ibn Qasî será cobardemente assassinado em Silves, a mando dos sequazes dos Almoadas e às mãos de um dos seus discípulos mais próximos (Ibn Almúndir), no ano de 1151.

O *ribat* da Arrifana terá sido então abandonado, talvez amaldiçoado, sendo perseguidos os seguidores e a obra do seu fundador.

O espólio até agora exumado, nomeadamente o acervo cerâmico, mostra não só aspectos tipológicos condizentes com a cronologia assinalada para vida do *ribat* de Ibn Qasî, como a sua singeleza, formal e decorativa, sendo raras as peças esmaltadas, ou mesmo, vidradas e coexistindo numerosos exemplares montados ao torno lento, responde aos ideais do sufismo. Ele reflecte a prática contra o que o mestre chamou de “egoísmo do estômago”, ou seja o apelo à frugalidade alimentar e aos jejuns rituais. Contudo, para além de recipientes de mesa, de cozinha e alguns de armazenamento, não identificámos peças específicas do ritual religioso, como pias de abluções ou queimadores, embora algumas vasilhas pudessem ter sido utilizadas com aquelas finalidades.

Os restos de alimentos recuperados e ainda em estudo, apresentam larga predominância de moluscos marinhos, ainda hoje abundantes na zona circundante do *ribat*, a par de raros testemunhos de mamíferos e de aves. Eles indicam economia de subsistência, algo diversificada, sem excedentes e certamente complementada por vegetais que poderiam ser agricultados nas redondezas.

A análise arquitectónica permitiu identificarmos três grandes momentos construtivos no *ribat* da Arrifana. O mais antigo corresponde ao longo “muro de orações” que existiu na extremidade da Ponta da Atalaia, ao qual se sucedeu outro que integraria as três mesquitas com *mirhab* de planta quadrangular ou rectangular, reflectindo período de grande afirmação religiosa e, por fim, o terceiro integra obras de ampliação ou de renovação, conforme ilustra a grande mesquita, provida de *mirhab* com planta de forma semicircular.

Só a continuação dos trabalhos arqueológicos sistemáticos permitirá o melhor conhecimento do complexo religioso da Arrifana e do episódio de grande importância histórica que ele traduz, por ora tão nebuloso como as manhãs do local mítico que lhe serviu de principal cenário.

Os trabalhos arqueológicos no *ribat* da Arrifana contaram com o apoio da Câmara Municipal de Aljezur e em especial do seu Presidente, Sr. Manuel Marreiros e do Vereador do Pelouro da Cultura, Sr. José Gonçalves, da Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur e da Fundação Calouste Gulbenkian, a quem nos cumpre agradecer.

Bibliografia

- AVNI, G., (1994) – Early mosques in the Negev Highlands: New Archaeological evidence on islamic penetration of Southern Palestine, *Bulletin of the American School of Oriental Research*, Jerusalem, tomo 294, pp. 83-100.
- AZUAR RUIZ, R. (1989) – *La Rabita Califal de las Dunas de Guardamar (Alicante)*, Alicante, Diputación Provincial de Alicante.
- AZUAR RUIZ, R. (1989 a) – *Denia Islámica. Arqueologia y Poblamiento*, Alicante, Diputación Provincial de Alicante.
- AZUAR RUIZ, R., (1991) – La rábita califal de Guardamar y el Paleoambiente del Bajo Segura (Alicante) en el siglo X, *Boletín de Arqueologia Medieval*, Madrid, vol. 5, pp. 135-150.
- BAZZANA, A. (1996) – Foyers et fours domestiques dans l'architecture rurale d'Al-Andalus, *Arqueologia Medieval*, Mértola, vol. 4, pp. 139-163.
- DE LA PUENTE, C., (2001) – La Campaña de Santiago de Compostela (387/997): *Yihâd* y legitimación del poder, *Qurtuba*, Córdoba, vol. 6, pp. 7-21.
- GOMES, M.V.; GOMES, R.V. (1995) – Cerâmicas muçulmanas: Quais as metodologias arqueológicas?, *Primeiras Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Tondela, pp. 41-50, Câmara Municipal de Tondela.
- GOMES, R.V. (2002) – *Silves (Xelb)-Uma Cidade do Gharb Al-Andalus: Território e Cultura*, Lisboa, *Trabalhos de Arqueologia*, 23, Instituto Português de Arqueologia.
- GOMES, R. V. (2003) *Silves (Xelb)-Uma Cidade do Gharb Al-Andalus: A Alcáçova*, Lisboa, *Trabalhos de Arqueologia*, 35, Instituto Português de Arqueologia.
- GOMES, R.V., e GOMES, M.V., (2004), O *Ribat* da Arrifana (Aljezur, Algarve). Resultados da campanha de escavações arqueológicas de 2002, *Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa, vol. 2, n.º 1, pp. 483-573.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. (1990-91) – Panes hogazas y fogones portátiles. Dos formas cerâmicas destinadas a la cocción del pan en al-Andalus: el hornillo (*tannur*) y el plato (*tabaq*), *Lucentum*, Alicante, vols IX-X, pp. 161-175.
- IBRAHIM, T. (1987) – Evidencia de precintos y amuletos en Al-Andalus, *II Congreso de Arqueologia Medieval Española*, Madrid, vol.II, pp. 705-710.

- MOLINA, L., (1983) – *Una Descripción Anónima de Al-Andalus*, vol.II, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.
- ROSEN-AYALON, M., (2002) – *Art et Archéologie Islamiques en Palestine*, Presses Universitaires de France, Paris.